EDITORIAL / *EDITORIAL*

# A memória das coisas simples



**/ Germano do Carmo**

Chefe de Serviço de Infecciologia do CHLN
Membro de Conselho Científico da RPDI
Membro Fundador da RPDI e seu assinante número 1

Sem me meter e arrastar comigo os prezados leitores em considerações filosóficas complexas, mais ou menos transcendentais sobre o tempo, a velocidade real ou relativa como evolui e as consequências de tudo isso, o que é facto, e incontestável, é que no no ano de 2012 se comemoraram trinta e cinco anos sobre a publicação do primeiro número da *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas*. Muito/pouco tempo, grandes repercussões no saber médico, nenhumas consequências, enormes mudanças no conhecimento e na prática clínica das doenças infecciosas, tudo isso é relativo e questionável. Depende, obviamente do observador, do seu ângulo de visão, da empatia e da maior ou menor objectividade/afectividade com que fizer a análise. Contudo, o que é indiscutível e com provas concretas mais do que suficientes, é que o aparecimento desta revista médica, no já distante ano de 1977, foi uma verdadeira pedrada no charco de águas estagnadas. Numa época em que a imprensa médica portuguesa se resumia a quatro ou cinco publicações regulares, pese embora a qualidade e o mérito de algumas delas, a verdade é que o panorama editorial português, mesmo para aquele tempo, era pobre. E, se considerarmos a patologia infecciosa, que então começava a dar os primeiros passos de autonomia/maioridade, com o reconhecimento devido de especialidade médica e com a criação da Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas, o que podemos afirmar com tranquilidade é que era o completo vazio, apenas com a publicação esporádica de alguns trabalhos em revistas de Medicina Interna, a mãe e tutora de todas as especialidades médicas, e com uma ou outra tentativa editorial fugaz e sem projecção.

A memória dos homens é fraca, diz-se, e eu penso que sim.

Portanto, todo e qualquer documento que materialize o passado e permita consultas futuras, é, deve ser, bem quisto e desejável.

A circunstância de eu ter sido protagonista e interventor directo na concepção e publicação da *Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas*, levou o seu actual Editor, Prof. Doutor Saraiva da Cunha, a lançar-me o honroso mas difícil convite/repto de escrever o presente Editorial, que assumi como um rememorar dos tempos primeiros da nossa Revista e em sintonia com o acima exposto.

O historiar, seja o que for, tem exigências enormes de rigor, isenção, fundamentação documental e, mesmo assim, para além disso, leva também muito frequentemente a recorrer aos dados que a memória do narrador permite. Tendo plena consciência do que agora afirmo, assumo e alerto os leitores de que o presente texto não é, nem pretende ser, um documento histórico irrefutável, mas tão-somente o testemunho de quem viveu de muito perto, participando nas etapas mais relevantes da idealização e concretização da R.P.D.I., ou seja, se me permitem o "desaforo", de um dos seus progenitores. Seja como for, acredito firmemente que os acontecimentos agora dados à estampa, constituem um conjunto de factos e informações que permitirão aos meus contemporâneos, coevos do aparecimento da R.P.D.I., mas também e principalmente aos mais novos que recorrentemente têm nas mãos e consultam com reconhecido agrado as páginas da nossa publicação, as ideias fundamentais do porquê e do como do seu aparecimento.

Cerca dos finais do ano de 1975, período muito quente e agitado da história recente do nosso país, conjuntamente com um jovem colega, homem dinâmico e empreendedor, de seu nome

Francisco José Nunes Antunes, conversei repetidas vezes sobre o vazio de informação médica em Portugal relativamente à patologia infecciosa, de que éramos então dois jovens aprendizes nos primeiros anos do internato geral. Concomitantemente, veio parar-nos às mãos, sem me recordar como, um exemplar tremendamente apelativo pelo aspecto/formato e conteúdo científico do *Scandinavian Journal of Infeccious Diseases*, o que logo ali, de imediato, nos levou a admitir e a desejar editar algo semelhante em Portugal.

O passo seguinte foi o entrarmos em contacto com o então director do serviço de doenças infecciosas do hospital de Santa Maria, Prof. Doutor Fernando de Carvalho Araújo, a quem expusemos as nossas ideias. Após o impacto da proposta ousada de dois dos seus mais novos colaboradores, alguns dias de reflexão e, por fim, o "fumo branco" para avançarmos.

De imediato, e com o entusiasmo que, admito, idealizam bem, foi o contactar de quatro ou cinco dos colegas do serviço, mais próximos e empreendedores, reconhecidamente os mais capazes de nos acompanharem nesta odisseia. Foram, desde o embrião do projecto, membros de pleno direito do Conselho Redactorial, os colegas Carlos Leça da Veiga, José Luís Boaventura, Maria Helena Carmona e Maria Joana Quaresma. E, confirmando o provérbio popular de que a sorte protege ou acompanha os audazes, a felicidade de, por essa altura, estagiar no serviço de doenças infecciosas um "jovem" interno, bastante mais idoso do que todos nós, com uma larga experiência em artes gráficas e actividade editorial, criador artístico de reconhecido mérito que havia trabalhado longos anos numa empresa tipográfica em Barcelona. Ao Carlos Mendes Leal, entretanto falecido, se deve sem qualquer dúvida, a imediata aceitação do nosso projecto pela generalidade dos colegas, estudantes e laboratórios da indústria quimio-farmacêutica, face à apresentação e qualidade gráfica da revista.

Entretanto, e quando o entusiasmo inicial o permitiu, foi o arrancar para a etapa seguinte, verdadeiramente fundamental, ou seja, a divulgação da iniciativa e o arranjar a colaboração técnica e científica indispensável. Foi um período fascinante que levou alguns de nós a um corropio de viagens e visitas a hospitais e serviços de medicina interna e infecciologia (à época começavam a existir alguns como tal) de todo o país e a contactar com uma pleíade de grandes figuras da medicina portuguesa de então. Entre outros, recordo os nomes dos professores Cerqueira Magro e Machado Vaz, do Porto, Carrington da Costa e Armando Porto, de Coimbra e Ducla Soares e Cândido de Oliveira, de Lisboa. Para além destes, muitos e muitos mais colegas nos receberam e aplaudiram a iniciativa. Contudo, e por uma questão imperiosa de verdade, não posso deixar de recordar que alguns houve, nomeadamente intra-muros, ou seja, do próprio serviço, que não mostraram qualquer interesse e questionaram mesmo de cenho reticente o nosso projecto. Em relação a esses só me resta lamentá-los pelo que já então davam mostras de atraso e desfasamento relativamente ao tempo em que vivíamos e que veio a confirmar-se com o decorrer dos anos. Não me alongando, refiro apenas que, com verdadeira surpresa, conseguimos, no primeiro ano de publicação da revista, um número impensável de assinantes, cerca de dois mil, enquanto os mais optimistas entre os pretensos "experts" da matéria admitiam, no melhor dos cenários, um máximo de duzentos a trezentos aderentes.

A aceitação, o agrado, o aplauso sincero foi a regra das reacções dos colegas e estudantes que nos iam conhecendo e liam, com algumas missivas extraordinariamente comoventes, como a de um colega do norte do país que nos escreveu dizendo que tendo tido conhecimento da nossa iniciativa, apesar de ter cegado definitivamente, assumia o compromisso de se tornar assinante como tributo à nossa audácia e visão do futuro. Mas também "recados" houve, inesquecíveis, mas por razões bem diferentes, como a de um colega que, em resposta à recepção do primeiro número enviado gratuitamente a cerca de dez mil médicos de Portugal continental e Ilhas, nos escreveu sem rodeios esta mensagem lapidar: "E, se vocês trabalhassem mais e se deixassem de doutorices, não era bem melhor?".

Hoje, trinta e cinco anos após o início da aventura, o cenário é muito diferente e para pior, como bem sabemos. Contudo, feito o balanço possível destes anos todos de actividade editorial, com milhares de páginas publicadas relativas a centenas e centenas de artigos de todos os tipos e versando as mais variadas matérias, de qualidade obviamente distinta, mas que em muitos casos se projectaram internamente e fora de portas, (já por quatro ou cinco vezes me foi dado ver em eventos internacionais, slides de autores portugueses, mas não só, com referências bibliográficas à R.P.D.I.), acho que podemos assumir com todo o à vontade e tranquilidade que valeu bem a pena o termos arrancado para a aventura e que se impõe continuar a viagem. E, nestes considerandos finais, permito-me lembrar também e para lá do já referido, a importância que teve a nossa revista, sempre de portas abertas para quem pretendeu e pretende divulgar as suas ideias, partilhar os seus saberes, contribuindo desse modo e na medida das suas capacidades, para um melhor e mais actualizado conhecimento de toda a medicina mas, em particular, da área da infecciologia.

Hoje, no limiar da idade activa definida pela lei, reconheço e assumo que o meu tempo já foi, mas que se impõe sem hesitações ou tibiezas que os mais novos não permitam que o legado de outros tempos e de outros colegas estiolize e desapareça.